



ARTIGO ORIGINAL

Vivências Psíquicas da Infância no Filme "Onde Vivem Os Monstros"

Fernanda Lucia Capitanio Baeza^a

Paulo Fernando Bittencourt Soares^b

- ^a Psiquiatra (aluna de doutorado no Programa de Pós-graduação em Psiquiatria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) - Porto Alegre - RS - Brasil.
- ^b Psicanalista (professor adjunto do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Instituição: Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

Resumo

Introdução: "*Onde vivem os monstros*" é um conto infantil adaptado para o cinema que aborda diversos aspectos das vivências psíquicas da infância. Os contos infantis têm importante papel na compreensão e elaboração dos conflitos psíquicos. Sendo assim, podem ser utilizados como ponto de partida para explorar diversos temas relacionados ao desenvolvimento psíquico infantil. Objetivos: Este trabalho tem por objetivo partir da estória do filme "Onde vivem os monstros" e abordar alguns aspectos do desenvolvimento psíquico infantil. Métodos: Foram revisados textos de Freud, Klein e outros autores que abordaram temas específicos da infância. Fragmentos do filme foram divididos em primeira, segunda e terceira partes, e, em cada uma dessas partes, foram abordados alguns tópicos, como: complexo de Édipo; agressividade; defesas maníacas; narcisismo infantil; posição esquizoparanoide versus depressiva; princípio do prazer versus princípio de realidade. Considerações finais: A estória narrada no filme pode ser compreendida como uma alegoria do processo de elaboração dos conflitos psíquicos infantis. O contato

atento com manifestações artísticas de todas as naturezas enriquece o trabalho de psiquiatras e psicoterapeutas, sendo uma infinita fonte de material a ser explorado sob a perspectiva psicanalítica.

Palavras-chave: Psicanálise; Cinema; Criança.

Abstract

Introduction: "Where the wild things are" is a children's story adapted to the movies that approaches some aspects of the psychic experiences during childhood. Children's stories have an important role in the comprehension and elaboration of psychic conflicts. Thus, they can be used as a starting point to explore different issues related to the child's psychic development. Objective: This article's intention is to use the story of the movie "Where the wild things are" to approach some aspects of the child's psychic development. Methods: Freud's and Klein's texts as well as material from authors who also approached specific child issues were reviewed. Movie fragments were divided into beginning, middle and end. In each of these parts, specific topics were discussed, such as Oedipus complex, aggressiveness, manic defenses, child narcissism, paranoid-schizoid versus depressive position and pleasure principle versus reality principle. Final considerations: This story can be understood as an allegory of the process of elaboration of the child's psychic conflicts. Looking closely at all kinds of artistic expressions enriches psychiatrists and psychotherapists work, for they are an infinite source of material to be explored under the psychoanalytical perspective.

Keywords: Psychoanalysis; Cinema; Child.

Introdução

"*Onde vivem os monstros*" (título original: *Where the wild things are*) é um conto infantil de Maurice Sendak publicado em 1963. A estória, popular no Reino Unido, recebeu releitura para o cinema em 2009 pelo diretor Spike Jonze. Max, o personagem principal, é um menino que encontra no mundo dos monstros a possibilidade de revisitar seus conflitos.

Já faz muito tempo que os contos infantis foram reconhecidos como uma fonte de compreensão das vivências e dos conflitos psíquicos infantis. Bettelheim destaca a valorosa função dos contos infantis na elaboração desses conflitos¹. O conto de Sendak, em especial, aborda com riqueza temas da infância bastante explorados pela psicanálise. Desse modo, pode ser utilizado para ilustrar diversos aspectos do desenvolvimento psíquico infantil.

Este artigo tem por objetivo partir da estória de Max contada no cinema para buscar uma compreensão baseada na psicanálise de alguns aspectos do desenvolvimento psíquico infantil. Para tanto, foram revisados textos de Freud, Klein e outros autores que abordaram temas específicos da infância. Para estruturação do texto, fragmentos essenciais do filme foram divididos em primeira, segunda e terceira partes. Em cada uma dessas partes foram abordados alguns tópicos, como complexo de Édipo, agressividade, defesas maníacas, narcisismo infantil, posição esquizoparanoide versus depressiva, princípio do prazer versus princípio de realidade.

Primeira parte: Édipo e agressividade

Max, um menino que deve ter entre 8 e 10 anos, apresenta-se na estória correndo furiosamente atrás de seu cachorro. Em sua brincadeira, Max é também uma fera, vestido com uma fantasia de lobo. Max brinca sozinho e não consegue a companhia da única irmã, Claire, que está ocupada com seus amigos e suas tramas da adolescência. Ao ser dispensado pela irmã, que sugere que ele vá brincar com seus amigos, Max apodera-se do que parece ser um mastro de brinquedo e, marchando como um general, ordena a uma cerca: "você para lá, você para cá"; "cerca, vá brincar com suas amigas cercas".

A mãe de Max, por sua vez, está ocupada com o trabalho e não dá a atenção que Max pede. Ao ouvir que a mãe está no andar de baixo da casa, trocando palavras carinhosas com um (outro) homem, Max veste sua fantasia de lobo, sobe na mesa e majestosamente grita: "alimenta-me, mulher", "vou devorar você". Em seguida, morde violentamente a mãe e foge de casa.

Édipo

A primeira parte da estória pode ser compreendida a partir das descobertas de Freud em relação à organização sexual infantil, sintetizadas no complexo de Édipo. De maneira bastante simplificada, o complexo de Édipo refere-se ao estágio do desenvolvimento em que a criança tem impulsos sexuais direcionados ao genitor do sexo oposto e deseja eliminar aquele do mesmo sexo, esperando punições por tais desejos. Neste estágio, o menino encara a mãe como sua propriedade, estabelecendo uma relação triangular com os pais. A criança percebe, pela primeira vez, que os pais têm uma relação a dois da qual ela está excluída^{2,3}.

A resolução do conflito se dá pela renúncia edípica. O medo do menino de ser castrado pelo pai poderoso e ameaçador o faz desistir da mãe, identificar-se com o pai e voltar-se para o mundo em busca de outro objeto para seu amor^{2,4}. Dessa maneira, o complexo de Édipo se desintegraria "tal como os dentes de leite caem quando os permanentes começam a crescer"³. Nos diversos textos em que desenvolve

a teoria do complexo de Édipo, Freud enfatiza a importância dessa relação triangular na formação do psiquismo³. Na infância de Max, a ausência da figura paterna resulta na falta de um objeto real com o qual o menino possa se identificar e, assim, possibilitar a separação da mãe pré-edípica.

Max está terrivelmente solitário e enciumado. O ciúme diz respeito ao amor que o indivíduo sente como lhe sendo devido e que lhe foi tirado, ou está em perigo de sê-lo, por seu rival⁵. Para Melanie Klein, esse sentimento é inerente à situação edipiana. Em "Onde vivem os monstros" não é só à mãe que está dirigido o ciúme de Max. A mãe e a irmã representam esse objeto de amor perdido, pois agora dedicam seu tempo e atenção aos "rivais" de Max. No Édipo aqui representado, a ausência do pai como uma figura real dá lugar a outros rivais. Quem compete com Max não é apenas o namorado da mãe, como representante do pai nas configurações familiares modernas. O "pai" desse triângulo está presente no trabalho e no namorado da mãe, nos amigos da irmã. Em suma, a realidade em geral, representada pelos outros, é que castra os desejos de exclusividade de Max.

Impulsos agressivos

"O primeiro amor já é perturbado em suas raízes por impulsos agressivos. O amor e o ódio lutam entre si na mente da criança; essa luta continua presente de certa forma pelo resto da vida"⁶ (p. 348-349).

Um dos pilares da psicanálise é a descoberta feita por Freud de que podemos encontrar no inconsciente do adulto todos os estágios do desenvolvimento infantil inicial. No adulto estão, reprimidos e inconscientes, os estágios do desenvolvimento considerados mais primitivos. Essa parte primitiva da personalidade está em contradição direta com a parte civilizada, que é de onde parte a repressão⁷.

Os impulsos agressivos mais primitivos estão evidentes em Max, quem, tomado pela raiva de estar perdendo a mãe, ordena, como um bebê faminto, que ela o alimente. A fome simbólica de Max lembra que:

"Na relação fundamental, o bebê não apenas recebe a gratificação desejada, mas também sente que está sendo mantido vivo. Pois a fome, que suscita o medo de morrer de inanição, e possivelmente suscita até mesmo toda a dor psíquica e física, é sentida como ameaça de morte"⁶ (p. 348-349).

Melanie Klein enfatiza que os impulsos destrutivos, variáveis de indivíduo para indivíduo, são parte integrante da vida mental mesmo em circunstâncias favoráveis⁸. Quando o bebê está com fome e seus desejos não são atendidos, ou quando sente dor e desconforto físico, surgem sentimentos de ódio e agressividade, e ele é tomado por impulsos de destruir a mesma pessoa que é o objeto de todos os seus desejos.

O "bebê" Max, ao morder a mãe, expressa sua fúria e o desejo de agredir a mãe que o frustrou. Nesse momento, a mãe é sentida como má, alguém que infringe dor e perda. É essa mãe má a que é atacada⁹.

Winnicott compreendeu a agressividade como uma característica da natureza humana comum a todas as crianças e pessoas de qualquer idade¹⁰. Um dos aspectos mais importantes dos impulsos agressivos infantis é seu caráter ambivalente. Ao experimentar sentimentos negativos contra a mãe, como frustração, ciúme e raiva, a criança reage com toda a força e intensidade do ódio que caracteriza os estágios sádicos iniciais do desenvolvimento. Contudo, os objetos que odeia são os mesmos que ama⁷.

A voracidade corresponde ao desejo do bebê pelo seio inexaurível e sempre-presente. No contexto da nossa estória, o seio sempre-presente estaria representado pelo amor exclusivo que Max deseja da mãe⁵. Esse amor oral tem como finalidade incorporar e devorar o objeto amado, pressupondo a abolição de qualquer existência separada por parte do objeto^{9, 11}. Os símbolos da voracidade oral estão presentes na estória em diversos momentos. Max urra e uiva como uma fera voraz; despreza o alimento que a mãe está oferecendo; ameaça a mãe de devorá-la; e, por fim, morde.

Segundo Melanie Klein, a mordida corresponde a uma fantasia muito primitiva de atacar, cortar e despedaçar⁷. A mordida é um recurso utilizado pelas crianças em momentos de frustração e disputas com outras crianças. Não possuindo nenhuma outra defesa, a criança usa os dentes de forma primitiva como uma arma.

Segunda parte: o fantasiar, defesas maníacas e narcisismo

Max viaja por dias e noites em um tempestuoso mar até chegar a algum lugar onde encontra um selvagem gigante e destrutivo derrubando o que está ao seu redor. A cena é assustadora, e os monstros parecem perigosos. Carol, o monstro que está destruindo tudo, parece estar frustrado e com raiva. Max junta-se à farra destrutiva, mas logo é interceptado pelos outros monstros, que querem saber quem é esse ser tão pequeno que destrói as coisas - que são as casas dos monstros - como se suas fossem. Assustado com a possibilidade de ser devorado pelos monstros, Max diz que é um rei de terras distantes, com inúmeros poderes, que explode o cérebro dos inimigos. Com seus poderes, Max explodiu também a solidão.

Os monstros vivem no imaginário das crianças e frequentemente são interpretados como projeções dos conflitos internos e das partes agressivas das crianças. Os monstros desta estória são, ao mesmo tempo, assustadores e dóceis. São capazes de arrancar árvores do chão, mas anseiam por uma figura em quem confiar, alguém capaz de reinar. Poderíamos entender que, tendo sido insuportável ao menino estar no mundo de frustrações e privação, ele voltou-se para a fantasia como uma maneira de elaborar sua

triste realidade. Os monstros, em especial Carol, parecem representantes dos objetos internos de uma criança que se sente muito só e carece de alguém que possa conter sua raiva. Cada monstro padece por algum motivo e todos têm um ar melancólico que nos lembra o quão assustadora a infância pode ser.

O fantasiar

“Com a introdução do princípio de realidade, uma espécie de atividade do pensamento foi separada; foi mantida livre do teste de realidade e permaneceu subordinada apenas ao princípio do prazer. Essa atividade é o fantasiar”¹² (p. 240).

No senso comum, o termo "fantasia" remete àquilo que é oposto à realidade. A fantasia, nesse sentido, é tudo o que é fruto da imaginação do indivíduo, não calcado na realidade externa. Podemos dizer que o objetivo da fantasia mais diretamente observável é o de satisfazer os impulsos instintuais, prescindindo da realidade externa. A gratificação derivada da fantasia pode ser encarada como uma defesa contra a realidade externa de privação e também contra a realidade interna. O indivíduo, produzindo uma fantasia de satisfação do desejo, não está apenas evitando a frustração e o reconhecimento de uma realidade desagradável; está também defendendo a si mesmo contra a realidade de sua própria fome e raiva¹³. Assim, ao tornar-se rei em uma terra distante, Max não precisa mais do olhar da mãe e da irmã para se sentir importante.

A capacidade de fantasiar das crianças torna possível diminuir a tensão instintiva, a ansiedade e a culpa. Dessa maneira, a vivência de Max no lugar onde vivem os monstros pode ter uma função análoga à da brincadeira na vida das crianças. Melanie Klein observou a existência de uma grande analogia entre os meios de representação utilizados na brincadeira e nos sonhos. Nessas duas formas de atividade mental, a realização de desejos é um elemento central. Assim como os sonhos, as brincadeiras infantis podem ser uma forma de acesso ao inconsciente.

Segundo Freud, o ego projeta no mundo externo tudo o que, dentro dele, dá origem à dor¹¹. Assim, os monstros podem ser representantes dos conflitos internos de Max: sua raiva, solidão, sensação de não pertencimento e a necessidade de afeto frustrada pela mãe. Na sua busca de elaboração de seus conflitos, surge a identificação com a figura paterna, representada pelo rei. Carol parece ser o maior representante de Max, carente e voraz. A destrutividade de Carol, assim como a de Max, assemelha-se aos acessos de fúria das crianças pequenas.

Pela fantasia, a severidade do superego pode ser temporariamente abandonada, e, além disso, a tensão causada pela tentativa de manter uma trégua entre o superego e o id se reduz. Assim, o conflito intrapsíquico se torna menos violento e pode ser deslocado para o mundo externo¹⁴.

À medida que o indivíduo cresce, as fantasias vão tornando-se mais elaboradas, referindo-se a uma variedade mais ampla de objetos e situações, mas continuam existindo durante todo o desenvolvimento, nunca deixando de desempenhar um papel importante na vida mental⁸.

Defesas maníacas

Segundo Anna Freud, os mecanismos de defesa têm a finalidade de garantir a segurança do ego e poupá-lo da experiência da dor. Contudo, o ego não se defende apenas contra a dor que vem de dentro. Ao mesmo tempo em que lida com perigosos estímulos internos, experimenta igualmente a dor que se origina no mundo externo. Quanto maior for a importância do mundo exterior como fonte de prazer e interesse do indivíduo, maiores serão as oportunidades para experimentar a dor vinda da realidade externa¹⁵.

Os mecanismos de defesa são especialmente importantes para compreender alguns aspectos das vivências infantis. Nas palavras de Anna Freud "O ego da criança pode recusar-se a tomar conhecimento de certa realidade desagradável. Primeiro, volta-lhe as costas, nega-a e, em imaginação, inverte os fatos indesejáveis"¹⁵ (p. 61).

Para fugir do sentimento de total desamparo e solidão, depois de ter sido "destronado" pelo namorado da mãe, Max torna-se um rei de poderes infinitos em seu mundo de fantasia. Assim, é como se o "bebê-rei" descobrisse sua dependência da mãe e sua ambivalência em relação a ela, experimentando intensos sentimentos de medo de perda. A negação dessa dolorosa realidade psíquica dá lugar ao surgimento de defesas maníacas, mantidas pela onipotência infantil¹³.

As defesas maníacas se dirigem primariamente contra a experimentação da realidade psíquica, tendo como principal finalidade repelir fantasias depressivas subjacentes¹³. Marcada pela grandiosidade e onipotência, a relação maníaca com objetos resulta da incapacidade de dar à realidade interna seu significado total¹⁶.

Hanna Segal caracterizou a relação maníaca com objetos com a tríade controle, triunfo e desprezo¹³. O triunfo é uma negação dos sentimentos depressivos relacionados à valorização do objeto. A defesa maníaca de Max, representada pela identificação com a figura poderosa e infalível do rei, mantém afastados os sentimentos depressivos de anseio pelo objeto. Agora Max pode explodir a cabeça daqueles que o desprezaram. Assim, ele triunfa sobre a solidão e nega sua dependência da família.

O narcisismo infantil

*"Sua Majestade, o bebê"*¹⁷ (p. 98).

Mahler define o narcisismo primário como "um estado que prevalece durante a primeira semana de vida no qual a satisfação da necessidade não é percebida como vinda de fora, não havendo consciência de uma agência materna". É afim à "onipotência infantil absoluta"¹⁸. O narcisismo primário, então, refere-se ao período arcaico do desenvolvimento humano em que não há, ainda, consciência do outro. Nesse período do desenvolvimento do indivíduo, segundo Freud, o investimento libidinal é todo voltado para o ego. O próprio nome do personagem - Max, contração de "máximo" - pode ser um símbolo do narcisismo.

O pai não aparece na estória e é pouco citado. Uma referência surge quando Max olha para um presente do pai: um globo terrestre que seria o "seu mundo" (para Max, dono deste mundo). Há aqui dois significados possíveis e complementares. Primeiro, pode-se compreender que o pai ausente atribuiu simbolicamente ao menino um grande poder, ao ausentar-se e não "castrar" o menino no complexo de Édipo. Outro significado possível é que Max é dono somente daquele mundo, sua realidade interna.

Freud observou que, na criança, analogamente ao que se verifica nos povos primitivos, existem características intrinsecamente megalomaniacas: uma superestima do poder de seus desejos e atos mentais, a crença na onipotência dos próprios pensamentos, uma crença na força das palavras e uma técnica para lidar com o mundo - "mágica" - que parece ser uma aplicação lógica dessas premissas grandiosas¹⁷. Max volta-se para si em sua fantasia grandiosa, une-se ao monstro impulsivo e destrói a golpes as casas dos outros monstros.

Mahler sugere que a grandiosidade infantil representa o desejo de, por um lado, ser separado, grande e onipotente, e por outro, de que a mãe satisfaça magicamente as vontades do filho sem ele ter de reconhecer que a ajuda vem de fora. Nesse estado mental, o que predomina é a insatisfação geral, a insaciabilidade e os acessos temperamentais de raiva¹⁸.

Terceira parte: elaboração

Na terra dos monstros Max é o rei e, como rei, promete erguer um forte onde acontecerá tudo o que se deseja, tendo os inimigos suas cabeças explodidas automaticamente. Mas Max não tem poderes mágicos: a roupa de lobo vai ficando cada vez mais desgastada, Max perde a coroa e, então, as criaturas percebem que ele não é um rei e que "não existe esta coisa de rei" (nas palavras do monstro Alexander).

Carol, o monstro que personaliza a voracidade de Max, ao saber que Max não é um rei, mas apenas um menino, "gente comum", reage com fúria e corre atrás de Max, ameaçando comê-lo. Max percebe que, por trás da reação intempestiva e voraz de Carol, existe alguém que, como ele mesmo, "só está

assustado". Agora, destituído de sua coroa, Max pode voltar para casa, reencontrar sua mãe e o jantar ainda na mesa.

A posição depressiva

Podemos recontar a história de Max enfatizando que ele começa sua trajetória usando diversos mecanismos que fazem parte do que Melanie Klein chamou de posição esquizoparanoide. Usando o que poderíamos chamar de identificação projetiva, Max expelle partes do seu self e objetos internos no objeto externo fantasiado, os monstros. Usa também a cisão para separar a mãe boa da mãe má¹³. É a mãe má a que está sendo atacada por Max.

Na teoria clássica de Melanie Klein, a posição depressiva é a fase do desenvolvimento na qual o bebê reconhece um objeto total e se relaciona com esse objeto. Quando ele consegue perceber a mãe como um objeto único portador de partes boas e más, está alcançada a posição depressiva.

"Quando o bebê alcança a posição depressiva e torna-se mais capaz de enfrentar sua realidade psíquica, sente também que a maldade do objeto é devida em grande parte à sua própria agressividade e à projeção decorrente. Esse insight dá origem a uma grande dor psíquica e culpa quando a posição depressiva está em seu ápice. Entretanto, o insight também acarreta sensações de alívio e esperança, que baseia-se no crescente conhecimento de que o objeto interno e externo não é tão mau quanto parecia ser em seus aspectos escindidos. Através da mitigação do ódio pelo amor, o objeto melhora na mente do bebê. Não é mais tão intensamente sentido como tendo sido destruído no passado, e diminui o perigo de que seja destruído no futuro; não havendo sido danificado, é também sentido como menos vulnerável no presente e no futuro. O objeto interno ganha uma função de comedimento e de auto-preservação e o aumento de sua força é um aspecto importante de sua função de superego"¹⁵ (p. 228).

Quando os medos são aliviados, os impulsos destrutivos também se reduzem. Diminuindo a projeção de impulsos maus, diminui também o poder atribuído ao objeto mau, ao passo que o ego se torna mais forte, já que está menos empobrecido pela projeção¹³. Na resolução da posição esquizoparanoide, é possibilitada a aproximação dos objetos perseguidores e ideais, que, dessa forma, ficam mais bem preparados para a integração. Após ter estado com os seus monstros, Max pode voltar para a mãe, que agora já não é tão má. A mãe real é quem frustra, mas também quem alimenta.

Outro aspecto interessante a ser destacado é que, quando Max brinca de "guerra de cocô" com os monstros, parece haver uma percepção da existência dos outros e de que a própria violência pode causar dano.

Na posição depressiva, aumenta a tolerância do bebê em relação ao instinto de morte e diminuem seus medos paranoides; a divisão (splitting) e a projeção diminuem, e o impulso para a integração do ego e do objeto pode tornar-se gradualmente preponderante¹³.

Reconhecer a mãe como uma pessoa total significa também reconhecê-la como um indivíduo que leva vida própria e que tem relações com outras pessoas. Em relação à formação de constância objetal, Mahler diz:

"A constância de objeto implica em algo mais que a manutenção do objeto de amor ausente. Implica também na unificação do objeto 'bom' e 'mau' numa única representação total. Isto promove a fusão das pulsões agressiva e libidinal e modera o ódio em relação ao objeto quando a agressão é intensa"¹⁸ (p. 138-139).

A percepção da própria vulnerabilidade e impotência também são características da posição depressiva. Em nossa estória, essa percepção pode ser compreendida como uma renúncia ao ideal primitivo baseado no narcisismo primário. É como se a roupa de lobo e a coroa já não servissem mais. Max se torna mais consciente de seus próprios impulsos e fantasias ao se deparar com os impulsos destrutivos de Carol. Na medida em que aumenta sua adaptação à realidade externa - e são os próprios monstros da fantasia que mostram ao menino o limite de seu poder -, Max adquire uma imagem menos fantasiosa do mundo ao seu redor.

O princípio de realidade

Para Freud,

"Uma organização que fosse escrava do princípio do prazer e negligenciasse a realidade do mundo externo não poderia se manter viva, nem mesmo pelo tempo mais breve, de maneira que não poderia existir de jeito algum"¹² (p. 238).

Segundo o princípio do prazer, a atividade psíquica afasta-se de qualquer evento que possa despertar desprazer¹². Na infância estão ao alcance do indivíduo os elementos para a construção de um agradável mundo de fantasia. Contudo, a tarefa do indivíduo é o reconhecimento e a assimilação dos fatos da realidade¹⁵.

A criança fica dolorosamente desencantada com seus pais ao perceber que eles não conseguem se manter à altura de suas expectativas infantis. No entanto, é essa decepção a que induz a criança a desligar-se um pouco daqueles que até então eram a única fonte de seu sustento físico e psicológico¹. À medida que a criança cresce, uma das suas mais importantes tarefas é superar o desapontamento com os pais e gradualmente passar a obter satisfação a partir de outras fontes.

A ausência da satisfação esperada exige que o aparelho psíquico tome uma concepção das circunstâncias reais do mundo externo e funcione de acordo com outro princípio mental, o princípio de

realidade¹². Assim, essa frustração também tem a função de dar à criança um contato mais significativo com o mundo exterior. Pelas suas novas experiências, a criança se permite a consciência das limitações dos pais, abrindo mão das expectativas irreais que mantém sobre eles¹. Assim como Carol, Max também esperava por um cuidado que fosse infinito e onipotente. Na resolução de seu conflito, Max pôde satisfazer-se com a mãe real.

Freud diz que o pensamento, como função mais elaborada do psiquismo, está a serviço do teste de realidade, sendo um meio de sustentar a tensão e de adiar a satisfação¹². Assim, o princípio de realidade é apenas o princípio de prazer modificado pelo teste de realidade. No princípio, Max urra e devora, fazendo uma demonstração do princípio do prazer descontrolado (ele deseja devorar tudo imediatamente, ignorando as consequências); já ao voltar a casa, ele demonstra ter incorporado o princípio da realidade¹ e, dessa maneira, consegue comer ao invés de devorar.

Considerações finais

A capacidade de desenvolver fantasias conscientes torna suportáveis as frustrações experimentadas na realidade. Na infância, a frustração, decepção e desespero podem ser enormes em determinados momentos, e as explosões de fúria (como a de Max, mordendo a mãe) podem ser a expressão da convicção de que não há nada que possa ser feito. As fantasias infantis têm especial importância no momento em que o aparelho psíquico ainda não está preparado para mediar suas emoções pelo pensamento. Para Bettelheim, os contos infantis desempenham a função de ajudar a criança a dominar problemas psicológicos do crescimento: superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis¹.

Uma característica comum a diversas histórias infantis é o fato de o herói viajar para terras distantes para viver suas experiências fantásticas. Esse lugar onde vivem os monstros nos é familiar, mas está cuidadosamente separado da vida real do menino.

Bettelheim ressalta que um bom conto de fadas, após levar a criança em uma viagem a um mundo fabuloso, no final deve devolver a criança à realidade, de forma que a ordem certa do mundo seja reestabelecida. Assim, no final de sua viagem, Max pôde encontrar sua casa, sua mãe e seu jantar exatamente onde os havia deixado. Com isso, o conto dá a ideia de que não é prejudicial permitir que a fantasia nos domine um pouco, desde que não permaneçamos presos a ela permanentemente. No final das histórias fantásticas, o herói retorna à realidade - uma realidade feliz, mas sem magia.

A história de Max pode ser compreendida como uma alegoria do processo de elaboração. Enquanto Max perde a mãe idealizada e total da infância, Carol é assombrado pela perda do rei que cuidaria de todos. Em sua fúria oral, Max morde a mãe, e Carol quer comer Max. Por essas grandes frustrações, os dois

percebem seus próprios limites, assim como sua vulnerabilidade e impotência. Ao final, Max pôde abrir mão do narcisismo infantil e das defesas maníacas, o princípio de realidade predominou e houve maior integração dos objetos em seus aspectos bons e maus. Todos esses processos podem ser resumidos em um grande resultado: Max pôde relacionar-se de maneira mais realista com os outros sem destruir ou ser destruído (antes de partir de volta para casa, Max fica sabendo que foi o único rei que não foi comido pelos monstros)¹⁹.

Ao buscar o encontro de material lúdico com teoria psicanalítica, este trabalho procurou não reduzir "Onde vivem os monstros" a uma mera ilustração das teorias psicanalíticas. Espera-se ter sido possível preservar a singularidade da obra como criação artística, muito mais interessante se tomada, em primeiro lugar, como objeto de apreciação. Contudo, o contato atento com manifestações artísticas de todas as naturezas enriquece de maneira inestimável o trabalho de psiquiatras e psicoterapeutas, sendo uma infinita fonte de material a ser explorado sob a perspectiva psicanalítica.

Referências

1. Bettelheim B. A Psicanálise dos Contos de Fada. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1980.
2. Bassols AMS, Dieder AL, Valenti MD. A Criança Pré-Escolar. In: Eizirick CL, Kapckinski F, Bassols AMS, editores. O Ciclo da Vida Humana. Porto Alegre: Artmed; 2001.
3. Freud S. A Dissolução do Complexo de Édipo. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard. XIX (1924). Rio De Janeiro: Imago; 1996.
4. Freud S. O Ego e o Id. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. XIX (1923). Rio de Janeiro: Imago; 1996.
5. Klein M. Inveja e Gratidão. Obras Completas de Melanie Klein. III Inveja e gratidão e outros trabalhos (1957). Rio de Janeiro: Imago; 1991.
6. Klein M. Amor, Culpa e Reparação. Obras Completas de Melanie Klein. I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1937). Rio de Janeiro: Imago; 1996.
7. Klein M. Tendências Criminosas em Crianças Normais. Obras Completas de Melanie Klein. I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1927). Rio de Janeiro: Imago; 1996. p. 197-213.
8. Klein M. Nosso Mundo Adulto e suas Raízes na Infância. Obras Completas de Melanie Klein. III Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos (1959). Rio de Janeiro: Imago; 1991. p. 280-97.
9. Isaacs S. A Natureza e a Função da Fantasia. In: Klein M, Haimann P, Isaacs S, Riviere J, editors. Os Progressos da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar; 1969.

10. Winnicott DW. As Raízes da Agressividade. A Criança e Seu Mundo. 2ª edição Rio de Janeiro: Zahar; 1971.
11. Freud S. Os Instintos e suas Vicissitudes. Rio de Janeiro: Imago; 1996.
12. Freud S. Formulação sobre os dois princípios do funcionamento mental. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira. XII (1911). Rio de Janeiro: Imago; 1996. p. 237-44.
13. Segal H. Introdução à obra de Melanie Klein. Coleção Psicologia Psicanalítica ed. Rio de Janeiro: Imago; 1973.
14. Klein M. Personificação no Brincar das Crianças. Obras Completas de Melanie Klein. I Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1929). Rio de Janeiro: Imago; 1996. p. 228-39.
15. Freud A. O Ego e os mecanismos de defesa. Porto Alegre: Artmed; 2006. 124 p.
16. Winnicott DW. A defesa maníaca. Da pediatria à Psicanálise - textos selecionados. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1978.
17. Freud S. Sobre o Narcisismo: Uma introdução. XIV. Rio de Janeiro: Imago; 1996 (p.98).
18. Mahler M, Pine F, Bergman A. O Nascimento Psicológico da Criança - Simbiose e Individuação. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar; 1986.
19. Romanowski R, Escobar JR, Sordi RE, Campos MS. Níveis de mudança e critérios de Melhora. In: Eizirik CL, Aguiar RW, Schestatsky SS, editores. Psicoterapia de Orientação Analítica: fundamentos teóricos e práticos. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2005.

Correspondência:

Fernanda Lucia Capitanio Baeza

Ramiro Barcellos, 2350 - Serviço de Psiquiatria (sala 400) – Bom Fim

90035-903 Porto Alegre, RS, Brasil

fernanda.baeza@gmail.com

Submetido em 04/07/2013

Devolvido aos autores em 08/08/2013

Retorno dos autores em 25/08/2013

Aceito em 04/09/2013